

Bênção abacial de Madre Verônica Negrizoli OCist
Abadia, Nossa Senhora da Santa Cruz, Monte Castelo, 11 de junho de 2016

Leituras: Efésios 2,4-10; Lucas 22,24-27

"Mas Deus, rico de misericórdia, impulsionado pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos pelos nossos pecados, fez-nos reviver em Cristo: por graça que fostes salvos!" (Ef 2,4-5)

Toda a misericórdia de Deus, a misericórdia do Pai, exprime-se a nós na graça de fazer-nos reviver com Cristo. O pecado fez-nos morrer, tirou-nos a vida, a verdadeira vida, a vida divina, aquela, pela qual, fomos criados. Mas o pecado não tirou o amor de Deus para conosco. O pecado nos afastou do amor de Deus, mas não pôde afastar o amor de Deus por nós. Deus nunca pode amar menos. Deus não pode não amar mais, não pode parar de amar. Deus é Pai que, como na parábola do filho pródigo, não é amado por seus filhos, mas ele nunca deixa de amar os seus filhos, pelo contrário: mais os filhos estão longe, e mais este pai os ama, mais os espera, mais deseja abraçá-los.

O amor que sofre, o amor que é recusado, é maior do que o amor correspondido. E este amor sempre maior que qualquer renegamento, qualquer distanciamento, qualquer ofensa e desprezo da parte do outro, este amor maior que a inimizade, maior que o ódio, se chama misericórdia. A misericórdia é a maior caridade, sempre maior que o não amor.

Deus é rico somente disto; Deus é rico somente de misericórdia. Por que de todo o resto, Deus não precisa. Deus não tem necessidade de nenhuma de nossas riquezas, de nenhum poder humano; Deus não precisa ser "maior", não precisa governar as nações com a potência e a generosidade vaidosa dos benfeitores do mundo. Mas Deus precisa amar; Deus precisa amar sempre. Para Deus o amor é como para nós o ar. Se Deus, por hipótese absurda, não amasse, não pudesse mais amar, se "sufocaria". Se Deus não amasse, seria um Deus "morto", seria um Deus que não existe, que não está presente, porque "Deus é amor" (1 Jo 4,16).

Nós precisamos respirar, comer, beber, vestir, etc., para viver. Mas pensamos também que precisamos ser maior que os outros, de ter poder, de sermos admirados, porque sem isto, parece não termos valor, de não existir.

Por isso, quando Deus se revela em Jesus Cristo, nos espantamos, e um pouco, nos escandalizamos. Porque Deus se revela em contradição com os nossos valores, com tudo aquilo que nos parece muito importante. Gostaríamos que Deus confirmasse os nossos ídolos, que consagrasse os nossos valores de vaidade e poder. Ao invés, eis que vem, e se coloca no último lugar, Ele se põe a servir. "Pois qual é o maior: o que está sentado à mesa ou o que serve? Não é aquele que está sentado à mesa? Todavia, eu estou no meio de vós, como aquele que serve." (Lc 22,27)

Todo mundo afirma que o maior é quem preside e aproveita, quem domina sobre os outros. "Todavia", eis que o Filho de Deus vem ao mundo para estar em meio a nós, "como aquele que serve". E isto nos incomoda, nos contradiz, porque isto significa que para estar com Jesus, para estar com Deus, não precisa lutar para alcançar os primeiros lugares, porque é justamente aí que Deus não está. Quem vive de ambição pelo poder, se encontra sozinho; sozinho, sem Deus. Quem serve, ao invés, O encontra, está com Ele, vive com Ele. Quem serve, recebe o lugar de amigo de Cristo, escolhe a melhor parte, a posição melhor, aquela, na qual, Jesus não lhe será nunca tirado.

Tudo é revolvido, tudo é desconcertado. Os primeiros são os últimos e os últimos serão primeiros. Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado. E o Evangelho é isto, é este desconcertar os valores do mundo. Mas um desconcertar que não é determinado por outros valores, por valores alternativos, mas pela presença de Cristo. Jesus não veio apenas para anunciar novos valores ou uma nova lei. Veio para estar entre nós, veio para estar presente em nosso meio. A sua presença é o valor supremo que desconcerta todos os valores do mundo.

A presença de Jesus nos converte, se queremos estar com Ele, se queremos aderir à Ele, que é a nossa vida. Se queremos estar com Ele, devemos alcançá-lo lá onde Ele já nos alcançou, lá onde Ele serve, onde Ele reza, onde Ele se sacrifica, onde Ele dá a vida para a nossa salvação. Se queremos estar com Jesus, devemos alcançá-lo lá onde Ele ama e perdoa. Se queremos estar com Jesus, devemos estar com a Sua misericórdia, isto é, com o seu Coração, que ama os miseráveis, nós por primeiro, e os nossos irmãos e irmãs. A comunidade cristã é o lugar onde Jesus está no meio de nós, e nós com Ele, como Aquele que usa misericórdia ao mundo. Porque não há serviço mais humilde e divino, que o serviço da misericórdia, do amor de quem não é amado e de quem não ama, do amor de Cristo.

Em Jesus, a misericórdia de Deus nos alcança para se tornar a nossa vida. O sinal da misericórdia do Pai, nos revela São Paulo, é que de mortos que estávamos pelos pecados, *revivemos com Cristo*. Que um pobre pecador, como somos cada um de nós, reviva com Cristo, é o grande sinal, o grande testemunho da misericórdia de Deus, pelo grande amor com que Deus ama o mundo. Somos vivos somente com Cristo, somos vivos, se vivemos em comunhão com Ele.

Não é, talvez, somente isto que São Bento, na sua Regra monástica, nos pede para viver e testemunhar? Não é, talvez, somente isto que uma abadessa, um abade, deve servir, favorecer, acolher, sempre mais, na sua comunidade, com cada irmã ou irmão que acompanha no caminho da vida, através de todos os momentos e todas as circunstâncias da vida humana?

Se não favorecemos, em nós mesmos e nos outros, a comunhão com Jesus, não acolhemos a misericórdia do Pai, e não favorecemos a vida, a verdadeira vida e fecundidade da comunidade, e de cada seu membro. São Bento, termina o capítulo 72 da Regra pedindo-nos para "não preferir absolutamente nada a Cristo", e imediatamente acrescenta uma aspiração, uma oração, um desejo: "Ele nos guie, todos juntos, para a vida eterna" (cfr. RB 72,11-12).

Na comunhão com Jesus, que São Bento nos ajuda a cultivar juntos, cada momento da nossa vida, é guiado para a vida eterna, vive a vida eterna, porque a vida eterna já é a comunhão com Cristo e em Cristo, que a misericórdia do Pai nos dá, desde agora, no dom do Espírito Santo.

Uma abadessa, querida Madre Veronica, queridas Irmãs, não deve ter outra preocupação e outro programa, que aquele de acolher, da misericórdia de Deus, a graça e o dever de estar com Jesus, de caminhar com Ele, ouvindo as suas palavras, vivendo tudo com Ele e como Ele, como nos ensina a Virgem Maria, a Nossa Senhora da Santa Cruz, que está com Jesus até o fim, até a morte e a ressurreição, até a efusão do Espírito Santo, até a vida eterna de todos em Cristo, com o Pai, rico de misericórdia.

Fr. Mauro-Giuseppe Lepori, Abade Geral OCist